

# Aventura I

• SILVER BLAZE •

**R**eceio, Watson, ter de partir – Holmes me disse certa manhã, enquanto nos sentávamos para tomar o café.

– Partir! Para onde?

– Para Dartmoor, para King’s Pyland.

Não fiquei surpreso. De fato, a minha única surpresa seria se ele já não estivesse envolvido nesse caso extraordinário, que era o único assunto de conversas em toda a Inglaterra. Durante o dia inteiro, meu companheiro caminhou pelo quarto com o queixo enfiado no peito e as sobrelanceiras franzidas, carregando e recarregando seu cachimbo com o tabaco preto mais forte, absolutamente surdo para qualquer uma das minhas dúvidas ou comentários. As edições extras de todos os jornais eram enviadas pelo nosso jornaleiro, apenas para serem vistas de relance e jogadas num canto. No entanto, por mais silencioso que ele estivesse, eu sabia perfeitamente bem sobre o que estava matutando. Havia apenas um problema em pauta, diante do público, que poderia desafiar as suas capacidades de análise: o estranho desaparecimento do cavalo franco favorito para a Wessex Cup e o trágico assassinato de seu treinador. Então, quando Holmes, de repente, anunciou a intenção de partir para a cena do crime, ele fez apenas o que eu imaginei e o que já esperava que fizesse.

– Eu ficaria muito feliz de ir com você, se isso não o incomodar – repliquei.

– Meu caro Watson, você me faria um grande favor vindo comigo. Com certeza o seu tempo não será desperdiçado, pois há pontos nesse caso que prometem torná-lo absolutamente único. Temos apenas tempo de pegar o trem em Paddington. Vou colocá-lo a par do assunto durante a viagem. Agradeço muito se você levar o seu excelente binóculo.

E foi assim que, cerca de uma hora depois, eu estava no fundo de um vagão de primeira classe que se deslocava velozmente a caminho de Exeter, enquanto Sherlock Holmes, com seu ar decidido e inquieto e o rosto emoldurado pelo boné de viagem com proteção de orelhas, mergulhava rapidamente no monte de jornais novos que comprara em Paddington. Tínhamos deixado a cidade de Reading muito para trás, quando ele enfiou o último deles embaixo do banco e me ofereceu seu estojo de charutos.

– Estamos indo bem – ele comentou, olhando pela janela e observando o relógio. – A nossa velocidade no momento é de oitenta e cinco quilômetros por hora.

– Não notei as placas que marcam a quilometragem – retruquei.

– Nem eu. Mas os postes do telégrafo nesta linha estão a cinquenta e cinco metros de distância e o cálculo é simples. Presumo que você tenha se interessado por essa questão do assassinato de John Straker e o desaparecimento de Silver Blaze?

– Li o que o *Telegraph* e o *Chronicle* noticiaram.

– É um desses casos em que a arte do raciocínio deveria ser usada mais para a separação de detalhes do que para a obtenção de novas evidências. A tragédia foi tão incomum, tão completa e de tamanha importância particular para tantas pessoas, que estamos sofrendo de excesso de suposições, conjecturas e hipóteses. A dificuldade é separar o quadro real dos fatos – os fatos absolutos, inegáveis – das fantasias dos teóricos e dos repórteres. Então, a partir dessa base sólida, a nossa obrigação é verificar quais conclusões podem ser tiradas e quais são os pontos especiais em torno dos quais gira todo o mistério. Na noite da terça-feira, recebi telegramas do coronel Ross, dono do cavalo, e do inspetor Gregory, que cuida do caso, solicitando a minha cooperação.

– Terça à noite! – exclamei. – Mas estamos na quinta de manhã. Por que não partiu ontem?

– Porque cometi um erro, meu caro Watson, o que receio ser uma ocorrência mais comum do que qualquer um imaginaria se me conhecesse só de ouvir falar. Na verdade, eu não podia acreditar que o cavalo mais famoso da Inglaterra pudesse permanecer escondido por muito tempo, especialmente num lugar tão pouco habitado como a região norte de Dartmoor. Ontem, a todo momento, eu esperava ouvir que ele tinha sido encontrado e o assassino de John Straker o havia sequestrado. Mas, quando descobri, nesta manhã, que, além da prisão do jovem Fitzroy Simpson, nada mais havia sido feito, senti que era hora de entrar em ação. Porém, sinto que, de certa forma, ontem não foi um dia totalmente desperdiçado.

– Então você já formulou alguma hipótese?

– Pelo menos tenho alguma noção dos fatos essenciais deste caso. Vou enumerá-los para você, pois nada esclarece melhor uma ocorrência do que a expor a outra pessoa, e dificilmente poderei contar com a sua cooperação se eu não lhe mostrar o ponto a partir do qual começaremos a investigação.

Encostei-me nas almofadas, baforando meu charuto, enquanto Holmes, inclinado para a frente, contando os pontos abordados na palma da mão esquerda com o indicador longo e magro, fazia um esboço dos acontecimentos que nos levaram a nossa viagem.

– Silver Blaze – ele disse –, é descendente de Somomy e tem um retrospecto tão brilhante quanto o famoso antepassado. Está agora competindo em seu quinto ano e conquistou todos os prêmios do turfe para o coronel Ross, o afortunado proprietário. Até o momento da catástrofe, era o franco favorito para a Wessex Cup, sendo de três para um a cotação das apostas. Sempre foi, portanto, um dos maiores favoritos do público das corridas sem nunca desapontá-lo, de tal modo que, mesmo com os riscos, enormes quantias são investidas nele. É óbvio, então, que há muita gente interessada em impedir que Silver Blaze esteja na pista ao ser dada a largada na próxima terça-feira.

– O fato, é claro, foi considerado em King's Pyland, onde está localizado o haras de treinamento do coronel. Todas as precauções foram tomadas com relação à segurança do favorito. O treinador, John Straker, é um jóquei aposentado que defendeu as cores do coronel Ross antes de se tornar pesado demais na balança. Ele serviu ao coronel por cinco anos como jóquei e por sete anos como treinador, e sempre se mostrou zeloso e honesto. Com ele ficam três rapazes, pois o estabelecimento é pequeno, contando apenas com quatro cavalos ao todo. Um dos rapazes permanece de vigia toda noite no estábulo, enquanto os outros dormem no sótão. Todos os três têm excelente caráter. John Straker, que é casado, morava em um vilarejo, a cerca de cento e oitenta metros das estrebarias. Ele não tem filhos, mantém uma criada e vive confortavelmente. O campo ao redor é muito isolado, mas a cerca de oitocentos metros ao norte existe um pequeno aglomerado de casas que foram construídas por um empreiteiro de Tavistock para uso de inválidos e outras pessoas que desejam desfrutar do ar puro de Dartmoor. A própria Tavistock fica três quilômetros a oeste, enquanto depois da charneca, também a cerca de três quilômetros de distância, está o maior haras de treinamento de Mapleton, que pertence a lorde Backwater e é administrado por Silas Brown. Em qualquer outra direção, a charneca é completamente deserta, habitada apenas por alguns ciganos errantes. Essa era a situação geral na noite da segunda-feira passada, quando ocorreu a tragédia.

– Nessa noite, os cavalos foram exercitados e banhados, como de costume, e as estrebarias foram trancadas às nove horas. Dois rapazes foram à casa do treinador, onde jantaram na cozinha, enquanto o terceiro, Ned Hunter, permaneceu de guarda. Pouco depois das nove, a criada, Edith Baxter, levou ao estábulo o jantar dele, que consistia em um prato de carneiro ao *curry*. Ela não levou nenhum líquido, pois existe uma torneira nas estrebarias e a regra é que o rapaz de plantão não deve beber nada além de água. A empregada levou uma lanterna, porque estava muito escuro e o caminho atravessava a charneca ao ar livre.

– Edith Baxter estava a trinta metros das estrebarias, quando um homem saiu da escuridão e pediu-lhe que parasse. Ao entrar no círculo de

luz amarela lançado pela lanterna, ela viu que era um sujeito de porte elegante, vestido com terno cinza de *tweed* e boné de pano. Ele usava polainas e carregava uma pesada bengala encastoadada. A moça, porém, ficou muito impressionada com a extrema palidez de seu rosto e o nervosismo de seus modos. A idade dele, pelo que ela avaliou, seria mais acima do que abaixo de 30 anos. “Pode me dizer onde estou?”, ele perguntou. “Eu estava quase decidido a dormir na charneca, quando vi a luz da sua lanterna.” “Você está perto do haras de treinamento de King’s Pyland”, ela respondeu. “Oh, que bom! Estou com sorte!”, ele exclamou e prosseguiu: “Sei que um rapaz do estábulo fica sozinho ali todas as noites. Você deve estar levando o jantar para ele. Então, tenho certeza de que não é orgulhosa a ponto de recusar o valor de um vestido novo, certo?”. Então, ele tirou um pedaço de papel branco dobrado do bolso do colete. “Faça o rapaz receber isso hoje à noite e você terá o mais belo vestido que o dinheiro pode comprar.”

– Ela ficou assustada com a firmeza do jeito dele e foi correndo até a janela pela qual costumava entregar as refeições. A janela já estava aberta e Hunter esperava sentado à pequena mesa que havia lá dentro. Ela começou a lhe contar o acontecido, quando o estranho apareceu de novo. “Boa noite”, ele cumprimentou, olhando pela janela. “Eu gostaria de falar com você.”

– A moça jurou que, enquanto ele falava, notou a ponta do pequeno pacote de papel saindo de sua mão fechada. “O que o traz aqui?”, o rapaz perguntou. “Negócios que podem encher o seu bolso”, o outro retrucou. “Vocês têm dois cavalos na Wessex Cup: Silver Blaze e Bayard. Aceite o meu palpite e não sairá perdendo. Não é verdade que, pelo peso, Bayard poderia dar ao outro uma vantagem de duzentos metros em noventa metros e que o dono do haras colocou muito dinheiro nele?”. “Então, você é um desses malditos trapaceiros!”, o rapaz exclamou. “Vou lhe mostrar como tratamos vocês em King’s Pyland”, ele disse, levantando-se e correndo pelo estábulo para soltar o cachorro.

– A moça fugiu para a casa, mas, enquanto corria, olhou para trás e viu o estranho encostado na janela. Um minuto depois, porém, quando

Hunter saiu com o cachorro, ele havia desaparecido e, apesar de o vigia correr ao redor das instalações, não encontrou mais nenhum sinal dele.

– Um momento – interrompi. – Será que o rapaz do estábulo, quando foi buscar o cachorro, não deixou a porta aberta?

– Muito bem, Watson, muito bem! – o meu companheiro murmurou. – A importância desse ponto me chamou tanto a atenção que enviei um telegrama especial para Dartmoor ontem para esclarecer o assunto. O rapaz trancou a porta antes de sair, e a janela, posso acrescentar, não era suficientemente grande para um homem passar.

– Hunter esperou seus companheiros retornarem, para enviar uma mensagem ao treinador, contando o ocorrido. Straker ficou preocupado ao ouvir o relato, embora talvez não tivesse percebido seu verdadeiro significado. Isso o deixou, no entanto, inquieto, um pouco intranquilo e a sra. Straker, acordando à uma da manhã, viu que ele estava se vestindo. Em resposta às suas perguntas, ele disse que não conseguia dormir por causa da preocupação com os cavalos e que iria até os estábulos para ver se tudo estava bem. Ela implorou para que ele ficasse em casa, ao ouvir a chuva batendo na janela. Mas, apesar de sua insistência, ele vestiu sua grande capa impermeável e saiu de casa.

– A sra. Straker acordou às sete da manhã e notou que o marido ainda não tinha voltado. Vestiu-se rapidamente, chamou a criada e partiu para as estrebarias. A porta estava aberta e, lá dentro, largado numa cadeira, Hunter permanecia mergulhado em estado de profundo estupor, a baia do favorito encontrava-se vazia e não havia sinais do treinador.

– Os dois rapazes que dormiam no sótão acima da sala de arreios foram imediatamente despertados. Não escutaram nada durante a noite, pois ambos têm sono pesado. Hunter, é claro, estava sob a influência de alguma droga muito forte e, como nenhuma explicação que fizesse sentido poderia ser tirada dele, foi deixado desfalecido enquanto os dois rapazes e as duas mulheres correram em busca dos ausentes. Eles ainda tinham a esperança de que o treinador tivesse, por algum motivo, levado o cavalo para fazer exercícios matinais, mas, ao subirem a colina perto da casa, de onde todas as charnecas próximas eram visíveis, não

puderam avistar sinais do desaparecimento do favorito, mas apenas notaram algo que os alertou de que estavam diante de uma tragédia.

– A cerca de trezentos e cinquenta metros do estábulo, a capa de chuva de John Straker se agitava no meio de um arbusto de tojo. Logo em seguida, havia na charneca uma depressão em forma de bacia, no fundo da qual se encontrava o corpo morto do infeliz treinador. Sua cabeça havia sido esfacelada pelo golpe selvagem de alguma arma pesada e ele estava ferido na coxa, em que tinha um corte longo e nítido, provocado evidentemente por algum instrumento muito afiado. Estava claro, porém, que Straker havia se defendido valentemente contra os seus agressores, pois segurava na mão direita uma pequena faca, com sangue coagulado até o cabo, e na esquerda ele mantinha apertada uma gravata de seda vermelha e preta, que a empregada reconheceu como a mesma usada na noite anterior pelo estranho que visitou os estábulos. Hunter, ao se recuperar de seu estado, também foi bastante afirmativo quanto ao dono da gravata. Ele estava igualmente convicto de que esse desconhecido, enquanto estava na janela, colocou alguma droga em seu carneiro ao *curry*, assim privando as estrebarias de seu vigia. Quanto ao cavalo desaparecido, havia fartas evidências na lama que ficava no fundo da vala fatal de que ele estava ali no momento da luta. Mas havia sumido desde aquela manhã e, apesar da grande recompensa oferecida e de todos os ciganos de Dartmoor estarem alertas, não surgiu nenhuma notícia sobre ele. Finalmente, uma análise demonstrou que os restos do jantar do vigia continham grande quantidade de ópio em pó, embora as pessoas da casa tivessem ingerido o mesmo prato, na mesma noite, sem sofrerem nenhum efeito nocivo.

– São esses os principais fatos do caso, desprovidos de qualquer suposição e narrados da forma mais objetiva possível. Agora vou recapitular o que a polícia fez.

– O inspetor Gregory, a quem o caso foi entregue, é um policial extremamente competente. Se fosse dotado de imaginação, ele poderia galgar grandes postos em sua profissão. Ao chegar, de imediato encontrou e prendeu o homem sobre o qual naturalmente a suspeita recaía.

Teve pouca dificuldade para encontrá-lo, pois ele morava em uma daquelas casas que mencionei. Seu nome, ao que parece, é Fitzroy Simpson. Trata-se de um homem de ótimo berço e boa educação, que desperdiçou uma fortuna no turfe e, então, vivia fazendo pequenas e discretas corretagens de apostas nos clubes esportivos de Londres. Um exame de sua agenda revelou apostas no valor de cinco mil libras feitas por ele contra o favorito. Ao ser preso, declarou voluntariamente que havia ido para Dartmoor com esperanças de obter algumas informações sobre os cavalos de King's Pyland e também sobre Desborough, o segundo favorito, que estava aos cuidados de Silas Brown no haras de Mapleton. Não tentou sequer negar o que fez na noite anterior, mas afirmou que não tinha planos sinistros e apenas desejava obter informações privilegiadas. Quando lhe mostraram sua gravata, ficou totalmente pálido e não soube explicar a presença dela nas mãos do homem assassinado. Sua roupa molhada demonstrava que ele esteve na tempestade da noite anterior, e sua bengala, uma *Penang Lawyer* encastoada com chumbo, seria exatamente uma arma que poderia, com golpes repetidos, infligir os terríveis ferimentos sob os quais o treinador havia sucumbido. Em contrapartida, não havia nenhum ferimento em sua própria pessoa, apesar do estado da faca de Straker mostrar que pelo menos um de seus agressores deveria carregar a marca de algum corte. Muito bem, Watson, isso é tudo, em poucas palavras, e se puder me dar alguma luz a respeito ficarei eternamente grato a você.

Escutei com o maior interesse o relato que Holmes, com sua clareza peculiar, expôs diante de mim. Embora a maioria dos fatos me fosse familiar, eu não havia conseguido estimar suficientemente bem a importância relativa deles nem a conexão de uns com os outros.

– Não seria possível – sugeri –, que a ferida aberta em Straker tenha sido provocada por sua própria faca nos espasmos convulsivos que acompanham qualquer lesão no cérebro?

– Mais do que possível, é provável – Holmes replicou. – Nesse caso, um dos principais pontos contra o acusado desaparece.

– Mas, ainda assim – prossegui –, até agora não consigo entender qual pode ser a hipótese da polícia.

– Receio que qualquer hipótese aventada tenha objeções muito sérias – o meu companheiro retrucou. – A polícia imagina, presumo, que esse Fitzroy Simpson, depois de ter drogado o rapaz e de alguma forma ter conseguido uma cópia da chave, abriu a porta do estábulo e tirou o cavalo, aparentemente com a pura e simples intenção de sequestrá-lo. Como as rédeas sumiram, então Simpson deve tê-las colocado nele. Assim, tendo deixado a porta aberta, conduzia o cavalo pela charneca quando foi encontrado ou alcançado pelo treinador. Uma briga naturalmente se estabeleceu entre eles. Simpson espancou a cabeça do treinador com seu pesado bastão, sem ser ferido pela pequena faca que Straker usou em autodefesa e, em seguida, o ladrão levou o cavalo para algum esconderijo secreto, ou o animal pode ter se assustado durante a luta e estar agora vagando pelas charnecas. Esse é o caso, como parece para a polícia, e improvável como é, todas as outras eventuais explicações são ainda mais improváveis. Porém, vou revisar rapidamente o caso quando estiver no local, e até lá realmente não vejo como podemos ir muito além da nossa posição atual.

Já anoitecia quando chegamos à pequena cidade de Tavistock, que se acha, como o ornamento de um escudo, no centro do imenso círculo ao redor de Dartmoor. Dois cavalheiros nos esperavam na estação: um homem alto e loiro, com uma cabeleira parecendo uma juba de leão e olhos azul-claros, curiosamente penetrantes. O outro, era um sujeito baixo e esperto, muito arrumado e elegante, com sobrecasaca e polainas, pequenas suíças nas bochechas e um monóculo. Este último era o coronel Ross, o conhecido esportista, e o outro, o inspetor Gregory, um homem que rapidamente estava fazendo nome no serviço de detetives da polícia inglesa.

– Estou muito feliz que tenha vindo, sr. Holmes – o coronel afirmou. – O inspetor aqui fez tudo o que se possa imaginar, mas eu não gostaria de deixar pedra sobre pedra na tentativa de vingar o pobre Straker e recuperar o meu cavalo.